

A Disciplina Teológica da História Eclesiástica

por Joachim Fischer

O método da história eclesiástica

A ciência da história eclesiástica trabalha com o mesmo método científico que todo o historiador usa; não possui método teológico especial para o seu trabalho e para as suas pesquisas. Disso ainda, por vezes, hoje se conclui que esta ciência não é, de fato, uma ciência *teológica*, mas apenas “uma parte da ciência da história geral” (Heinrich Bornkamm pág. 8). A essa concepção não posso aliar-me (vide Ernst Wolf págs. 159 s.). Mas verdade é que o caráter *teológico* da ciência da história eclesiástica não se deixa deduzir de maneira nenhuma do método usado nesta ciência.

O método usado na ciência da história eclesiástica, nós o chamamos de método histórico-crítico. Este método foi sendo desenvolvido gradativamente desde há 400 anos impondo-se hoje. Tem uma de suas raízes mais profundas na própria teologia, e também no seu desenvolvimento a teologia esteve presente de forma marcante. Por isso a ciência da história eclesiástica não se apossa de nada absolutamente estranho, quando faz uso do método histórico-crítico (vide Ernst Wolf págs. 166 s.).

Resumindo o que foi dito podemos apresentar duas teses:

1.ª tese: O método de trabalho da ciência da história eclesiástica é o método histórico-crítico.

2.ª tese: Não o fato de a ciência da história eclesiástica utilizar-se do método histórico-crítico, é que lhe confere o caráter de ser uma ciência teológica.

Mesmo assim não abandonamos, simplesmente, a ciência da história eclesiástica nas mãos dos assim chamados historiadores profanos. Julgamos que ela pertence à teologia. Compreendêmo-la como uma ciência *teológica* ou — como dissemos no título deste artigo — como disciplina *teológica*, ou seja, um ramo da *teologia*. O fato de a ciência da história eclesiástica ser uma ciência *teológica* advém do objeto com o qual se ocupa.

O objeto da história eclesiástica

Pode-se definir o objeto da ciência da história eclesiástica de maneiras diversas (vide Ernst Wolf págs. 160 ss.). Não quero

apresentá-las em particular. Restrinjo-me a apresentar o que alguns historiadores evangélicos da história eclesiástica disseram a respeito do objeto da ciência da história eclesiástica.

1. *Johannes von Walter* dá a sua obra o título “História do Cristianismo”. Para êle o “cristianismo” é portanto o objeto da ciência da história eclesiástica. Mas o “cristianismo” é um “movimento religioso” que é sustido pela piedade dos cristãos e que se torna explícito na piedade dos cristãos, especialmente na sua “vida religioso-moral”. História eclesiástica é conforme esta concepção, em primeira análise, história, da piedade cristã. Objeto da ciência da história eclesiástica são, antes de mais nada, as diversas formas da piedade cristã, que se formaram no decorrer da história. Nesse caso o historiador da história eclesiástica deverá dar atenção especial ao como a fé cristã se expressou na “vida religioso-moral” dos cristãos (tomo I/1, págs. 26 e 28). Essa concepção do objeto da ciência da história eclesiástica pode-se denominar “concepção pietista” (vide Ernst Wolf pág. 162). Baseando a exposição da história eclesiástica neste ponto, o lado subjetivo da história eclesiástica será evidentemente acentuado. A piedade dos cristãos ou a sua “vida religioso-moral” está no centro do interesse. Contra isso temos a objetar: a piedade subjetiva dos cristãos não forma o centro do cristianismo. Não podemos portanto definir o objeto da ciência da história eclesiástica como *Johannes von Walter* o fez.

2. Outros historiadores da história eclesiástica partem de uma outra concepção da história eclesiástica. Podemos chamá-la de “concepção reformatória” da história eclesiástica (*Gerhard Ebeling* segundo Ernst Wolf pág. 165). Apresenta algo que se deduz imediatamente do termo “história eclesiástica” ou “história da igreja”. O objeto da ciência da história eclesiástica é a história da igreja cristã. Ao invés disso podemos dizer: o objeto da ciência da história eclesiástica é a igreja cristã em sua história (vide o título do novo compêndio de história eclesiástica, editado por Kurt Dietrich Schmidt e Ernst Wolf: “Die Kirche in ihrer Geschichte” — “A Igreja em sua História”). Essa frase parece ser evidente. Mas não o é. Tem apenas seu sentido, quando se explica o que é “igreja”.

Nos historiadores da história eclesiástica a compreensão correta de igreja muitas vezes deu lugar a outros pontos de vista ou mesmo se perdeu por completo. Considerou-se a igreja, por exemplo, como sendo uma configuração sociológica, o que para nós, hoje, está errado. Para os historiadores de nossos dias a igreja é essencialmente algo *teológico*. Eles procuram com ênfase por uma compreensão *teológica* da igreja. Disto, então, também advém uma compreensão *teológica* e reformatória da ciência da história eclesiástica. Que formas individuais isto toma, tentarei exemplificar.

a) *Kurt Dietrich Schmidt* parte da constatação de que a igreja existe no mundo. Fundamental para a sua existência, porém,

é unicamente a ação de seu Senhor Jesus Cristo. Pela ação de Jesus Cristo a igreja surgiu; pela sua ação permanece com vida. A história da igreja é, portanto, “a história do Cristo que continua agindo no mundo” (pág. 9) ou “a história da ação de Cristo no mundo” (pág. 10). Conforme uma figura neotestamentária a igreja é o corpo de Cristo. Por isso Kurt Dietrich Schmidt também pode dizer: a história da igreja é a história do corpo de Cristo na terra. Esta história é o objeto da ciência da história eclesiástica.

Esta afirmação ainda deve ser especificada. Cristo é o Senhor enaltecido. Não age diretamente, mas indiretamente no mundo. Age nas diversas manifestações de vida dentro da igreja. O Cristo enaltecido, naturalmente, não é compreensível por meios históricos. Mas as manifestações de vida da igreja são compreensíveis por meios históricos. Cabe, pois, à ciência da história eclesiástica compreender estas manifestações de vida do passado. A ciência da história eclesiástica deve compreender aquelas manifestações como ações do Cristo divino.

Com isto, porém, é necessário ter em vista outro fato. Conforme a doutrina da Reforma o cristão é, no todo, um filho de Deus, ao mesmo tempo, porém, também um pecador. Isto se deve tomar em consideração, quando nos ocupamos com as manifestações de vida da igreja no passado — isto é, com a história da igreja. Não podemos tomar as manifestações de vida, sem exceção, como sendo a ação do Cristo divino. Também se deve indicar que muitas somente são ações do pecado humano. Pois na igreja não somente o Cristo divino está agindo; também forças humanas estão em jogo e muitas vezes são contrárias à ação de Cristo. Também de fora forças humanas influenciam a igreja, porque, enfim, a igreja existe no mundo. Também estas forças, não raro, levam a igreja à desobediência contra seu Senhor divino. Isto a ciência da história eclesiástica não pode omitir ou deixar de lado. Em conexão com uma figura neotestamentária pode-se dizer: Evidentemente, a igreja é o corpo de Cristo, mas neste corpo também encontramos rugas e tumores. Também eles pertencem ao objeto da ciência da história eclesiástica. Pode-se dizer por outro lado: Objeto da ciência da história eclesiástica também é aquilo, que aparentemente não passa de uma “mistura de enganos e violências” (Johann Wolfgang von Goethe). Kurt Dietrich Schmidt assim o formula teologicamente: O Cristo divino continua agindo ainda que *oculto*. “Por isso também a história da igreja só é história de Cristo no oculto.” (pág. 15)

Concluindo podemos resumir a concepção de Kurt Dietrich Schmidt sobre o objeto da ciência da história eclesiástica em uma tese:

3.ª tese: O objeto da ciência da história eclesiástica é a história do Cristo enaltecido, que continua a agir oculto nas manifestações de vida da igreja.

b) Semelhante a Kurt Dietrich Schmidt também *Walter von Loewenich* parte em sua visão da história eclesiástica da teologia de Lutero. Diz êle: A igreja tem "face dupla"; "tem sua origem 'de cima'", pois é a igreja de Jesus Cristo; mas tem também sua história "aqui em baixo" na terra, já que sempre é também "instituição humana" (pág. 12). A primeira frase se refere à essência da igreja, a segunda à sua aparência terrena. Essência e aparência terrena da igreja, no entanto, sempre estão juntos. Por isso a ciência da história eclesiástica deve fazer valer sempre êstes dois pontos de vista.

Além disso von Loewenich ainda aponta para uma outra realidade importante. A igreja tem um serviço concreto a prestar. Tem a incumbência de anunciar a palavra de Deus. Esta é sua tarefa principal e seu caráter mais importante. Daí porque a ciência da história eclesiástica deve tomar em especial consideração o como a igreja, nas diversas épocas da sua história, cumpriu seu ministério da pregação da palavra. Esta é a tarefa mais importante da ciência da história eclesiástica.

Concluindo resumimos a concepção reformatória de von Loewenich sobre o objeto da ciência da história eclesiástica igualmente em uma tese:

4.ª tese: O objeto da ciência da história eclesiástica é a igreja, que tem sua origem em cima e sua história aqui em baixo e à qual foi atribuída, em primeiro lugar, a pregação da palavra de Deus. Ou: O objeto da ciência da história eclesiástica são, da mesma forma, essência e aparência da igreja, à qual foi atribuída, em primeiro lugar, a pregação da palavra de Deus.

c) *Martin Schmidt* diz quase o mesmo em outras palavras: "O objeto da ciência da história eclesiástica é a pregação e a aparência formada pela pregação" (col. 1422) no decorrer da história. A pregação da palavra de Deus constitui o centro da vida eclesiástica, porque ela fundamenta e mantém a igreja. Por isso o primeiro objeto da ciência da história eclesiástica é compreender de como foi pregada a palavra de Deus no decorrer da história. A pregação, por sua vez, tem suas conseqüências práticas; toma vulto na vida pessoal dos cristãos, na vida da comunidade, em especial no culto, na organização da igreja, na doutrina teológica e por último na arte eclesiástica. Tudo isso, em última análise, surgiu pela pregação. Por essa razão constitui também o objeto da ciência da história eclesiástica. Partindo da definição de *Martin Schmidt* é possível compreender tôdas as manifestações de vida da igreja, isto é a história da igreja em tôda a sua totalidade.

d) Também *Heinrich Karpp* se expressa de modo semelhante a respeito do objeto da ciência da história eclesiástica. Êle usa uma terminologia bastante difícil. *Karpp* não quer dizer simplesmente que a igreja é o objeto da ciência da história eclesiástica, porque "a" igreja não existe e nunca existiu. Há, entretanto, muitas igrejas. Por isso *Karpp* fala da "igreja organizada de maneira

multiforme". A "igreja organizada de maneira multiforme", continua Karpp, está em "relação dialética ao reino de Deus" (pág. 153). Com isso êle quer dizer: a "igreja organizada de maneira multiforme" vive neste mundo, porém, não é algo puramente terreno, mas sim o "corpo de Cristo" neste mundo; tem sua origem em Deus. Desta forma a definição de Karpp é a seguinte: "Objeto da ciência da história eclesiástica é a igreja organizada de maneira multiforme em sua relação dialética com o reino de Deus" (pág. 153).

Aqui, porém, surge uma pergunta: A "igreja organizada de maneira multiforme" é, indiscutivelmente, algo terreno. O reino de Deus, por sua vez, é algo não terreno ou algo escatológico. Pode a ciência da história eclesiástica compreender a relação entre algo terreno e algo escatológico?

Segundo a doutrina cristã o reino de Deus atinge êste nosso mundo. Isto porque Deus mesmo se revelou em Jesus Cristo. Essa revelação, porém, não se acha restrita a um certo espaço de tempo do passado. A revelação de Deus está presente na pregação e na doutrina eclesiástica, compreendendo ainda instrução moral. Aqui a "relação dialética" da "igreja organizada de maneira multiforme... com o reino de Deus" se torna tangível sempre de nôvo. Por isso a ciência da história eclesiástica deve compreender antes de mais nada a "pregação e doutrina eclesiásticas, incluindo-se a instrução moral" na história. Resume-se sob o conceito de "quérigma" a pregação e doutrina eclesiásticas, incluindo-se a instrução moral. Por isso podemos, no sentido de Karpp, dizer que a ciência da história eclesiástica gira principalmente em tórno de duas perguntas: O que tinha o caráter de quérigma nas diversas épocas dentro da igreja? Como é que a igreja entendia o quérigma nas diversas épocas? Partindo daí, a conclusão de Karpp é a seguinte: "Objeto da ciência da história eclesiástica é a igreja organizada de maneira multiforme em sua relação dialética com o reino de Deus. Observa-se esta relação principalmente na respectiva compreensão da mensagem cristã." (pág. 155)

e) Também *Gerhard Ebeling* parte da premissa de que a igreja, em todos os tempos, foi fundada, erguida e mantida pela pregação da palavra de Deus. Isso é uma compreensão fundamental da Reforma. Por esta razão a história da igreja é a história da pregação da palavra de Deus. Na pregação, porém, não é pregada qualquer coisa, mas sim são pregados textos bíblicos. A pregação da palavra de Deus desta forma sucede como interpretação da sagrada escritura. Com isso Ebeling obtém uma nova definição da história da igreja. A história da igreja é a história da interpretação da sagrada escritura. Daí é fácil deduzir em que, para Ebeling, consiste o objeto da ciência da história eclesiástica. O objeto da ciência da história eclesiástica é compreender como foi entendida e interpretada a sagrada escritura nos diversos tempos formando assim a aparência da igreja.

Resumo e conclusão. Os historiadores eclesiásticos mencionados sob o ítem 2 concordam todos no que diz respeito a uma preocupação intensa por uma compreensão teológica correta da igreja em íntima relação à teologia da Reforma. Partindo daí compreendem o objeto da ciência da história eclesiástica, sendo decisiva a compreensão de que a palavra de Deus forma o fundamento e centro da igreja. A partir desta compreensão é possível definir de forma mais clara o objeto da ciência da história eclesiástica. Nesse sentido quero resumir o que foi dito em estrita ligação a *Karl Barth* e *Ernst Wolf*, colocando no início uma tese:

5.ª tese: O objeto da ciência da história eclesiástica é a palavra de Deus na história. A palavra de Deus se expressa e se reflete na resposta das pessoas por ela atingidas.

Na minha opinião esta tese resume tudo o que se pode dizer sobre o objeto da ciência da história eclesiástica. Antes de mais nada, ela indica que a ciência da história eclesiástica tem algo a ver com a palavra de Deus, sendo porisso uma ciência *teológica*. A palavra de Deus, de que falamos, é a palavra na qual Deus concede aos homens redenção e salvação. É a viva voz do evangelho (viva vox evangelii). Quer ser ouvida e é ouvida, seja em obediência ou não. Quer ser respondida e é respondida assentindo a ela ou não. E isso sucede de muitas maneiras. É uma palavra eficaz. Concede redenção e salvação. Fundamenta, ergue e mantém a comunhão dos santos, ou seja a igreja. É pois base e centro da igreja. A palavra de Deus não conhece limites, tanto temporais como espaciais. A palavra da redenção é destinada a todos os homens de todos os tempos. Esta é, portanto, o objeto da ciência da história eclesiástica.

Isso, porém, pressupõe que a palavra de Deus, de qualquer modo, é compreensível. Onde ela é compreensível? A palavra de Deus se expressa e se reflete onde homens falam de Deus, testemunham a graça de Deus e se confessam a Deus. Nessas palavras humanas transparece a palavra de Deus. De outra maneira, a não ser nas palavras humanas e pelas palavras humanas, não possuímos a palavra de Deus. Estas palavras humanas, nas quais se expressa e se reflete a palavra de Deus, podem ser faladas somente onde alguém foi atingido pela palavra de Deus. Ali a palavra de Deus mostrou-se eficaz; ali chegou a seu destino, foi ouvida e respondida. As palavras humanas nas quais a voz de Deus se expressa, são, portanto, resposta à palavra de Deus, resposta de homens, que foram atingidos pela palavra de Deus. Entende-se por si mesmo que estas respostas à palavra de Deus podem tomar as formas e maneiras mais diversas. Por exemplo: a forma da decisão pessoal, da pregação, do culto em sentido mais amplo, do trabalho teológico, da estruturação da igreja, do serviço diaconico ou social ou a forma disso que hoje, por muitas vezes, chamamos como o serviço da igreja ao mundo. Tudo isso entendemos como resposta à palavra de Deus. Em tôdas as aparências citadas se expressa e se reflete a palavra de Deus. É por isso que elas tôdas formam o objeto

da ciência da história eclesiástica. Através disso torna-se possível que se abranja a história da igreja em tôda a sua extensão. Nisso há ainda algo a considerar. Tôdas as respostas humanas à palavra de Deus, todos os testemunhos humanos da palavra de Deus são legítimas respostas e testemunhos cristãos, quando interpretam a sagrada escritura. Os primeiros cristãos falavam e agiam na convicção de que com isso estavam interpretando o Antigo Testamento. E nós não pregamos tão somente sôbre textos bíblicos. Mas sim para tudo que dizemos e fazemos na igreja, aspiramos por um fundamento bíblico. Cada testemunho legítimo da palavra de Deus não é nada mais do que interpretação do testemunho original, isto é, da sagrada escritura. Incluímos portanto o ponto de vista de Gerhard Ebeling em nossa definição do objeto da ciência da história eclesiástica.

Concluindo temos de fazer uma restrição. O objeto da ciência da história eclesiástica não é a palavra de Deus, que *hoje* se expressa e se reflete em palavras humanas, que *hoje* é ouvida, testemunhada e respondida. Mas sim o objeto da ciência da história eclesiástica é a palavra de Deus na *história*. A ciência da história eclesiástica pergunta como a palavra de Deus se expressou e se refletiu na *história* da igreja, isto é, no passado, como foi ouvida, testemunhada e respondida no passado. Ela não está — falando de maneira figurada — *diretamente* diante da palavra de Deus, mas vê a palavra de Deus *pelo espelho da história*. “Sua relação para com a pergunta pela palavra de Deus” é condicionada pelos acontecimentos da história da igreja e da história do mundo (Ernst Wolf pág. 152). Isso é característico da ciência da história eclesiástica, pela qual ela se difere da teologia exegética, dogmática e prática. Leva-nos isso à pergunta pela tarefa especial da ciência da história eclesiástica.

A tarefa da história eclesiástica

A ciência da história eclesiástica teve o seu tempo áureo na época do historismo, isto é, na segunda metade do século XIX e no início do nosso século. Nesse tempo teve ela uma posição dominante na teologia. Tornou-se a “síntese da teologia” como tal (Ernst Troeltsch: Adolf von Harnack und Ferdinand Christian Bauer, em: Festgabe Adolf von Harnack zum 70. Geburtstag, 1921, pág. 282); tornou-se a “ciência fundamental da teologia” (Klaus Scholder, citado por Ernst Wolf pág. 163). Indubitavelmente considerava-se-a como a coroa da teologia e ocupava, portanto, uma posição dominante na teologia em geral (Ernst Wolf págs. 152 s.).

Isso era sem dúvida uma superestimação da ciência da história eclesiástica, de maneira que o contra-ataque não se fêz esperar. Em conexão com a revolução teológica depois da primeira guerra mundial na Alemanha, que se relaciona com a pessoa e a obra de *Karl Barth*, sucedeu a mudança completa na opinião sôbre a ciência da história eclesiástica. Karl Barth fala na sua obra “Kirchli-

che Dogmatik" (Dogmática Eclesiástica) da "assim chamada história eclesiástica". Essa é uma depreciação clara da nossa disciplina. Para Karl Barth a ciência da história eclesiástica é somente uma "ciência auxiliar" da teologia exegética, dogmática e prática (pág. 3). A teologia, na sua totalidade, pergunta pela palavra de Deus em Jesus Cristo, o que faz fundamentalmente de três maneiras. Pergunta, em primeiro plano, pela fundamentação da prédica cristã de Deus: provém a prédica cristã da palavra de Deus dirigida a nós em Jesus Cristo? Este é o objetivo da teologia bíblica. Em segundo lugar a teologia pergunta pela finalidade da prédica cristã de Deus: leva a prédica cristã à palavra de Deus em Jesus Cristo? Este é o objetivo da teologia prática. Finalmente a teologia pergunta, em terceiro lugar, pelo conteúdo da prédica cristã de Deus: corresponde a prédica cristã à palavra de Deus em Jesus Cristo? Este é o objetivo da teologia dogmática. A ciência da história eclesiástica, porém, não parte de nenhuma destas perguntas independentes pela palavra de Deus. Pergunta, em vez disso, de como foram respondidas *no passado* estas três perguntas pela fundamentação, finalidade e conteúdo da prédica cristã de Deus. Comparada, pois, com as outras disciplinas teológicas ela possui "uma tarefa enciclopédica" como Karl Barth o formula mais tarde. Segundo as palavras acertadas de *Ernst Wolf* ela se acha numa "relação auxiliar" para com a teologia exegética, dogmática e prática" (pág. 153). Em que consiste o seu auxílio?

Todo o teólogo se apóia positiva ou criticamente em seu trabalho no trabalho teológico realizado antes dêle, quer consciente quer inconscientemente. Nosso trabalho teológico, ou seja, o nosso perguntar pela palavra de Deus sucede-se em certo ponto na história. Pois não somos contemporâneos de Jesus e dos apóstolos; entre eles e nós está a história da igreja. É para esse fato que a ciência da história eclesiástica nos chama a atenção. Assim ela preserva a teologia de compreender-se erroneamente e a preserva do espiritualismo que ignora a história.

A ciência da história eclesiástica nos proporciona ainda um conhecimento elementar da igreja nos tempos passados. Ela atende em dar atenção à igreja e à teologia dos tempos idos, no que toca ao nosso trabalho teológico. Amplia o círculo dos nossos interlocutores teológicos, obrigando-nos igualmente, a ouvi-los atenciosamente, pois a igreja e a teologia dos tempos passados se haviam perguntado pela mesma palavra de Deus pela qual nos esforçamos também. Pode ser que justamente o passado da igreja nos tenha a dar noções fundamentais. Através dêsse caminho a ciência da história eclesiástica nos auxilia a um ouvir mais claro, atencioso e obediente à palavra de Deus.

Ao mesmo tempo a ciência da história eclesiástica nos mostra o caminho pelo qual a igreja e a teologia têm alcançado o ponto em que se encontram hoje. Ela, portanto, revela as condições da nossa própria existência eclesiástica e teológica. É sempre crítica para com estas condições, testando-as, tendo por base a palavra de

Deus. Assim ela nos leva a uma opinião bem fundamentada sobre as nossas condições eclesíásticas e teológicas.

Depois de tudo o que foi dito a ciência da história eclesíástica tem, portanto, três finalidades ou tarefas dentro da teologia: uma conservadora, uma auxiliadora e uma finalidade ou tarefa crítica; preservando-nos do espiritualismo; auxiliando-nos a atender à palavra de Deus; e examinando criticamente as condições da nossa existência eclesíástica e teológica. Estas três tarefas a ciência da história eclesíástica jamais pode ceder a alguma outra disciplina teológica. Por serem estas tarefas necessárias, a ciência da história eclesíástica, como matéria teológica, é indispensável.

LITERATURA

- (1) *Barth, Karl.* Die Kirchliche Dogmatik, vol. I/1, 6.^a ed. Zollikon-Zürich 1952
- (2) *Barth, Karl.* Dogmatik im Grundriss im Anschluss an das apostolische Glaubensbekenntnis, Berlin 1948
- (3) *Bornkamm, Heinrich.* Grundriss zum Studium der Kirchengeschichte. Grundrisse zur evangelischen Theologie, Grundriss des Theologiestudiums II, Berlin 1951
- (4) *Chambon, Joseph.* Was ist Kirchengeschichte? Masstaebe und Einsichten, Göttingen 1957
- (5) *Ebeling, Gerhard.* Kirchengeschichte als Geschichte der Auslegung der Heiligen Schrift. Sammlung gemeinverstaendlicher Vorträge und Schriften, Tübingen 1947
- (6) *Karpp, Heinrich.* Kirchengeschichte als theologische Disziplin. Em: Festschrift Rudolf Bultmann, Zum 65. Geburtstag überreicht Stuttgart/Köln 1949
- (7) *Loewenich, Walter von.* Die Geschichte der Kirche, 5.^a ed. Witten 1957
- (8) *Schmidt, Kurt Dietrich.* Grundriss der Kirchengeschichte, 3.^a ed. Göttingen 1960
- (9) *Schmidt, Martin.* Art. "Kirchengeschichte" em: RGG 3.^a ed., vol. 3, Tübingen 1959, col. 1421 ss.
- (10) *Walter, Johannes von.* Die Geschichte des Christentums, vol. I/1, 3.^a ed. Gütersloh 1947
- (11) *Wolf, Ernst.* Kirchengeschichte, em: Einführung in das Studium der evangelischen Theologie, editado por Rudolf Bohren, München 1964

Tradução: Estudantes da Faculdade de Teologia
Revisão: P. Harald Malschitzky